



---

## A Morte em Destaque no Fotorjornalismo do Portal *Alagoas 24 Horas*<sup>1</sup>

Victor AVNER<sup>2</sup>

Universidade de Federal de Alagoas, Maceió, AL

### RESUMO

O artigo apresenta uma reflexão sobre o fotorjornalismo presente no portal de notícias *Alagoas 24 Horas*, criado em 2005, a partir de sua abordagem sensacionalista da morte. O papel do fotorjornalista é distorcido: o fato noticioso não mais consiste em conteúdo interessante para o veículo; as fotografias têm que estar explicitando a morte da melhor forma possível, sob todos os ângulos. Essa busca pelas sensações tenta se justificar no crescimento da audiência, no entanto, a qualidade do fotorjornalismo é posta de lado.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Alagoas 24 Horas*; fotorjornalismo; morte; sensacionalismo.

A morte é tema de discussão em toda a história da humanidade. É comum ouvir a frase que diz que, em sua vida, o ser humano possui uma única certeza que é a própria morte. Nicola Abbagnano explica em seu Dicionário de Filosofia que “a morte não é um acontecimento particular, situável no início ou no término de um ciclo de vida do homem, mas uma possibilidade sempre presente na vida humana, capaz de determinar as características fundamentais desta” (ABBAGNANO, 2007, p. 796). O indivíduo é guiado pela morte, suas ações em vida são pensadas em um planejamento pré-morte, ainda que imperceptível.

Abbagnano ainda diz que em relação à existência humana, a morte pode ser entendida como o “início de um ciclo de vida”, como o “fim de um ciclo de vida” ou ainda como “possibilidade existencial”. Em outras palavras a morte pode significar o início de uma vida não-corpórea, quando a alma é o personagem principal da existência; o repouso final após uma vivência repleta de experiências boas ou ruins; e, por fim, a morte pode significar a comprovação de que um ser existiu: só pode morrer quem já viveu, quem já existiu.

No entanto, atualmente pretende-se que a discussão em torno da morte mude de rumo. Não que a morte deixa de existir, mas que não se comente mais sobre ela. Dessa

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo do COS-UFAL, email: [victoravner@yahoo.com.br](mailto:victoravner@yahoo.com.br)



forma, a morte não mais parece com algo próximo de si mesmo, mas como algo próximo apenas dos outros.

## **O origem do fotojornalismo no Brasil**

No Brasil, o fotojornalismo começou a ter destaque na década de 1930, como ilustrações para matérias de jornais e revistas. Não se pretendia ter a fotografia como algo documental, como um registro de fatos, mas apenas como apoio visual para as palavras impressas nas matérias. O caráter documental da fotografia só seria explorado anos mais tarde

De acordo com Kossoy,

as revistas ilustradas ainda utilizavam a fotografia dentro dos padrões tradicionais de décadas anteriores, de forma estática, mera ilustração dos textos. Sua força documental ou expressiva era atenuada em função do caráter ilustrativo em que eram diagramadas e das vinhetas e ornatos que as ‘emolduravam’. Ainda estava por acontecer no Brasil a mudança radical do conceito quanto ao seu uso nas páginas das revistas ilustradas. (KOSSOY, 2007, p. 89-90)

Hoje as fotografias expostas nos meios de comunicação não servem apenas como uma ferramenta de apoio às matérias jornalísticas, mas se tornam, elas próprias, matérias. Os veículos de comunicação passam a ter não somente textos escritos, mas textos gráficos/visuais.

O fotojornalismo faz da fotografia um personagem ativo no construir da realidade. A existência em diversos veículos de comunicação das fotos-legenda comprova o papel da fotografia como transmissor de informações, como algo também documental.

## **A morte e o viés sensacionalista**

Danilo Angrimani afirma, em seu livro *Espreme Que Sai Sangue*, que a morte está presente em todos os jornais, em suas diferentes editorias. Contudo, “o jornal sensacionalista transforma a morte em seu assunto de capa, como se rendesse um culto diário e fetichizado à morte” (ANGRIMANI, 1995, p. 53).



Apesar de, a priori, parecer algo abominável, a morte estampada no noticiário – seja ele digital ou não – atrai o leitor. Sobre esse interesse dos leitores no sensacionalismo, diz Angrimani:

Pode-se seguir um raciocínio que leva à exclusão: Os leitores de jornais sensacionalistas têm formação cultural precária, portanto estão mais próximos dos instintos e suas manifestações; ao contrário, as pessoas cultas de formação intelectual superior, teriam os instintos mais “sob controle”, logo, sua opção só poderia mesmo recair sobre veículos mais moderados, mais racionais.

Esse ponto de vista é atraente por sua simplicidade, mas não se sustem, porque a morte “como espetáculo” (Baudrillard), interessa a todos, igualmente, independente do nível cultural ou econômico de cada pessoa. (IBID, p. 53-54)

Como já foi dito anteriormente, o interesse pela morte é algo recorrente na humanidade. A morte é tema de estudos contínuos e tem profunda participação na vida – só morre quem vive. Então não há nada mais comum ao indivíduo do que a vontade de ver a morte, ainda que inconscientemente. O que não existe é o interesse pela própria morte.

O leitor, então, recebe um choque, imaginando que amanhã poderá ser a vez dele. Mas ao mesmo tempo que se produz este impacto (a morte ilustrada, ampliada, por um recurso de linguagem editorial, sensacionalista), vem também o alívio. O jornal atende a uma necessidade inconsciente, onde o cadáver “ilustrado” morre “por procuração” no lugar do leitor.

Na relação a três: morte-jornal-leitor, ocorre uma “jubilação secreta”, “obscena”, onde a morte do outro é “saboreada como espetáculos” (Baudrillard). (IBID, p. 56)

A morte explícita nos noticiários é, pois, atração para quem vê. Por um momento, esquece-se que se trata de uma vida ceifada, de um ser humano falecido, para transformar o outro em um ser morto, sem qualquer significância.

Esse sentimento de insignificância da vida do outro ainda é ampliado quando a notícia descreve o morto como criminoso ou suspeito de ter praticado um crime. A morte, então, é vista como exemplo que deve ser, de dato, divulgado. E a apreciação torna-se ainda mais descarada. Não se trata da morte natural, em que há sofrimento e dor pela perda.

### **A morte em destaque nas fotografias do *Alagoas 24 Horas***



O portal *Alagoas 24 Horas* foi criado em 2005, com um veículo de comunicação virtual, não possuindo qualquer ligação com “empresas físicas” (jornais impressos, emissoras de rádio e TV, etc.). Diferente dos veículos digitais à época existentes em Alagoas, o *Alagoas 24 Horas* ganhou destaque por fornecer uma enorme quantidade de informações em tempo real, se tornando um dos portais de notícias mais acessados do estado.

Entretanto, o portal seguiu por um rumo imprevisível. A morte se tornou um lugar comum nas áreas de destaque da página principal do meio de comunicação. O sensacionalismo passou a fazer parte do cotidiano do veículo digital, se tornou tônica principalmente no discurso fotojornalístico do *Alagoas 24 Horas*, o que se mantém ainda nos dias de hoje.

Segundo Angrimani:

O jornal sensacionalista difere dos outros informativos por uma série de motivos específicos, entre os quais a valorização editorial da violência. O assassinato, o suicídio, o estupro, a vingança, a briga, as situações conflitantes, as diversas formas de agressão sexual, tortura e intimidação ganham destaque e merecem ser noticiadas no jornal sensação. (IBID, p. 53-54)

Tais elementos não apenas passaram a ser excessivamente noticiados no *Alagoas 24 Horas* como também passaram a compor manchetes e fotos principais, o que o configura como um veículo sensacionalista – se não todo, pelo menos em seus mais destacados setores. É possível encontrar no portal fotografias em destaque de uma notícia sobre os principais times de futebol locais ao lado de fotografias de uma notícia de que algum indivíduo foi assassinado a pedradas em um bairro periférico. Para o veículo, tais informações possuem o mesmo valor jornalístico e merecem a mesma forma de destaque, embora cause sensações as mais diferentes no leitor – a primeira, o puro e simples entretenimento; já a segunda, a repugnância pela morte. No jornalismo do *Alagoas 24 Horas* não há distinção entre informação e sensação.

Nas fotografias do portal há uma supervalorização da morte, principalmente quando esta é ocasionada pela criminalidade. O webjornal não se contenta em mostrar o fato, mas pretende mostrar ao leitor, por meio de suas fotografias, a situação em que se encontra o cadáver citado na matéria.

Não se trata da busca pelo melhor ângulo, algo comum, aceitável e até mesmo louvável no fotojornalismo. Mas se trata de uma inversão de valores, na qual o fotojornalista abandona a sua profissão e passa a fazer as vezes de polícia científica, se

torna um verdadeiro perito criminal. O fotojornalista não pode se ater a mostrar o fato, mas tem que esmiuçá-lo através de suas lentes. O *Alagoas 24 Horas* busca uma fetichização da morte em seu portal na internet.

Na matéria intitulada “Usuário de drogas é assassinado no Jacintinho”, publicada às duas horas da madrugada do dia 1º de maio de 2010, o site portal congrega três tipos de mídia para expressar a morte. Além do texto escrito, ainda foram utilizados vídeo e fotografia para explicitar a morte do indivíduo a que se refere a matéria.



Imagem principal da matéria “Usuário de drogas é assassinado no Jacintinho”

Todos os tipos de mídia utilizados pelo portal convergem na exploração sensacionalista da morte, entretanto, é a fotografia que mais provoca sensações no leitor, uma vez que ela ressalta, em alta qualidade/definição, o cadáver do jovem assassinado. Segundo Bossoy, “as imagens têm uma função insubstituível como registro de fatos, cenários e personagens do passado. Entretanto, podem ser objetos dos mais diferentes e interesseiros usos; nesse sentido é a ideologia que determina o seu destino e finalidades” (KOSSOY, 2007, p. 106). A ideologia dominante presente no *Alagoas 24 Horas* é o sensacionalismo na apuração da informação, o que explica (embora não justifique), a presença de imagens consideradas “fortes”, ou seja, que trazem consigo uma alta carga de caráter tético.

De acordo com Angrimani, “há várias mortes no jornal sensacionalista: morte ‘punitiva’, ‘cômica’, ‘pitoresca’, ‘sádica’ e ‘casual’” (ANGRIMANI, 1995, p. 116). A notícia citada anteriormente traz em sua fotografia esse caráter punitivo, o que se reflete inclusive em seus comentários. Um comentário do leitor denominado “Paz” corrobora com essa definição: “Até que enfim vou ter socego (sic), faltan (sic) os amiguinhos dele,



quero paz...”. A exaltação da morte feita pelo portal passa a ser justificada, uma vez que se trata de um ser já marginalizado, que não merecia estar vivo – sua morte é vista como um bônus para a sociedade, que está livre de um criminoso.

Essa ideologia sensacionalista presente no *Alagoas 24 Horas*, que pode ser traduzida como sua linha editorial, tenta-se explicar pela atração que o visitante do portal sente por esse tipo de matéria – o que pode ser comprovado pelo alto número de comentários nas matérias policiais, em especial nas que têm fotografias de morte. O veículo, por ser comercial, investe na área em que haverá mais interesse do patrocinador, a área em que há mais acesso.

Segundo Kossoy,

fatos corriqueiros, situações que poderiam passar despercebidas pela sua monotonia, podem se transformar em imagens de impacto, acontecimentos de maior ‘importância’, dependendo de como são elaborados antes, durante e após a produção do registro fotográfico. O contrário também é verdadeiro; fatos que denunciam toda uma situação dramática de sofrimento, miséria, dor e crueldade podem ser captados de forma harmoniosa, de acordo com o ângulo de tomada, descontextualizados de seu entorno, ‘amenizados’ em seus detalhes e, finalmente, esvaziados nas manchetes, legendas e textos que os acompanham. (KOSSOY, 2007, p. 105)

O portal *Alagoas 24 Horas*, portanto, seleciona o material que lhe apraz, de forma a atrair mais visitantes e, conseqüentemente, mais visibilidade para seus patrocinadores. A fotografia menos sensacional das matérias policiais é ignorada porque não chama a atenção dos visitantes. Para o portal, é preciso ter o sangue a morte para se atingir a audiência.

## Conclusão

A imagem – pensada enquanto testemunho “documental”, jornalístico – é inevitavelmente fruto de um processo de criação. As imagens são concebidas e materializadas conforme as intenções de seus autores, segundo um filtro cultural e uma determinada visão de mundo. Tal se percebe claramente ao longo da história da fotografia e da própria história da imprensa. O documento fotográfico, fragmentário por natureza, é o resultado final de elaboradas construções técnicas, estéticas e culturais desenvolvidas ao longo da produção da representação: daí se prestar a olhares e usos ideológicos determinados. Contudo, ao estudarmos as informações produzidas pela mídia, não apenas as imagens importam, como também a sua articulação com as demais formas de expressão. (IBID, p. 104)

Está claro que as fotografias produzidas pelo portal *Alagoas 24 Horas* não são sensacionalistas por uma questão do acaso ou coincidência. As fotografias, como diz



Kossoy, são resultado de um processo pensado de criação. Ss fotos em que corpos são expostos de maneira sensacionalista são assim feitas porque é uma definição da linha editorial do webjornal.

A fotografia sensacionalista somente está presente no portal porque as notícias presentes nele pedem tais tipos de ângulos e instantes fotográficos. O conteúdo busca uma sinergia no sensacionalismo, onde cada elemento presente no fazer notícia pretende criar o melhor enquadramento da morte, para assim conseguir sua comercialização.

Esse tipo de exploração fotográfica, embora tenha sucesso mercadológico, não possui o tal sucesso quando analisamos de um ponto de vista ético. É a exposição pura e simples de corpos com vistas a chamar a atenção do leitor, sem a preocupação primordial com o transmitir da notícia, nem com a significância social da morte exposta.

Sendo assim, o fotojornalismo presente no portal *Alagoas 24 Horas* sofreu uma involução, quando ignorou-se o caráter básico da fotografia nos jornais – documentar um fato. A fotografia em seu caráter sensacionalista torna-se, então, coadjuvante no espetáculo macabro da morte.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ANGRIMANI, D. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995

KOSSOY, B. **Os tempos da fotografia**: o efêmero e o perpétuo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

ALAGOAS 24 HORAS. **Usuário de drogas é assassinado no Jacintinho**. 1º de maio de 2010. <http://www.alagoas24horas.com.br/conteudo/index.asp?vEditoria=Polícia&vCod=84544>